

AFROS & AMAZÔNICOS



O CURADOR DO JARÊ: SABERES E PRÁTICAS TRADICIONAIS NA CHAPADA DIAMANTINA

The Jarê Curator: Traditional Knowledge and Practices in Chapada Diamantina

*Cristiane Andrade Santos**

Resumo: O presente artigo deriva de pesquisa inicial para o programa de doutorado multidisciplinar e multi-institucional em difusão do conhecimento sobre o Jarê, religião que tem sua ocorrência exclusivamente em alguns municípios da Chapada Diamantina, região central do Estado da Bahia/Brasil. Observam-se poucos estudos sobre o tema, sendo estes marcados por uma compreensão do Jarê vinculado a conceitos que pouco dizem sobre a prática, quais sejam, “matriz africana” ou “afro-indígena”. Este estudo objetiva apresentar alguns aspectos dessa manifestação religiosa, mais detidamente a figura do curador, líder espiritual da religião, a quem seus adeptos recorrem para tratar dos males do corpo e do espírito, através dos seus saberes e práticas. Neste trabalho, são apresentadas reflexões iniciais, observações parciais de algumas cerimônias religiosas, revisão bibliográfica e análises documentais, através das quais se apresenta o Jarê como religião genuinamente brasileira, ainda que apresente aspectos presentes em culturas de outros povos e religiões. O Jarê, assim como todas as práticas e costumes, foi construído e ressignificado pelos sujeitos, a partir das suas interações, laços afetivos e simbólicos, dos seus fazeres e saberes cotidianos, entrelaçados com a história e memória do lugar. O propósito deste trabalho é contribuir para tornar o Jarê uma prática passível de compreensão e traduzida para a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Jarê; Curador; Saberes; Práticas tradicionais; Chapada Diamantina.

Introdução

Os curadores serviam para restituir a saúde do corpo e do espírito doentes, era o que sabíamos desde o nascimento. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 39)

O presente artigo é fruto de uma pesquisa ainda em andamento e, deve ser tomado como “em construção”. Fruto de reflexões iniciais, observações parciais de algumas cerimônias religiosas, revisão bibliográfica e análises documentais, a presente pesquisa tem o Jarê, religião existente somente em alguns municípios do território de identidade Chapada Diamantina, como foco central. Objetiva-se com o presente trabalho apresentar alguns aspectos dessa manifestação religiosa, mais detidamente a figura do curador, líder espiritual da religião, a quem os seus adeptos recorrem para tratar dos males do corpo e do espírito, através dos seus saberes e práticas.

* Doutoranda do DMMDC. Professora Assistente UNEB DCHT XXIII.

As poucas pesquisas acadêmicas até o momento associam o surgimento e desenvolvimento do Jarê ao advento da atividade garimpeira na região, no século XIX, quando aconteceu um grande fluxo migratório de pessoas vindas de diferentes recantos do país e, inclusive, estrangeiros. Com a notícia sobre o achado de diamante na região, migrantes vindos de Minas Gerais, da zona do Recôncavo Baiano, árabes, judeus, franceses, dentre outros povos, vieram e se estabeleceram no território. Senhores, donos de escravos, trouxeram “suas posses” para trabalhar na extração do diamante. Há um discurso atribuindo a origem da prática do Jarê às “mulheres negras escravizadas”, denominadas de “Nagôs” (SENNA, 1973, p. 52). Há relatos de modificação do ritual do Jarê, posteriormente, já no início do séc. XX, a partir da chegada de um “curador de raiz”¹,

1. Curador de Raiz – também chamado raizeiro. Erva-nário, preparador de compostos rústicos à base de folha e ervas (SENNA, 1984. p. 44).



tendo sido incorporada, a partir daí, a figura do “caboclo” aos rituais.

Os primeiros estudos acadêmicos sobre o tema, realizados na década de 1970, apontavam para um momento de existência de aproximadamente mais de 300 casas de culto de Jarê na Chapada Diamantina. Conforme indicações de Senna (1998) e Banaggia (2013), é referido um processo de redução do número de casas de Jarê na região, além dos relatos de membros da comunidade local, os quais apontam para a existência de menos que uma dezena delas, atualmente, no município de Lençóis, locus dessa pesquisa. Um lento e silencioso processo de redução de casas destinadas à prática do Jarê é percebido na região. Faz-se necessária a discussão sobre os aspectos existentes nos discursos que sugerem a existência de um recuo na prática do Jarê, de modo a se perceber se essa ocorrência reflete o movimento de uma sociedade em outras direções, ou se há outros fatores nesse processo. É importante discutir e salvaguardar a diversidade cultural de elementos históricos, simbólicos e afetivos, presentes na memória de homens e mulheres mais velhos, praticantes ou não do Jarê, dos saberes e práticas construídos e vivenciados pelos curadores e curadoras do Jarê, de modo a contribuir para tornar esta religião como prática passível de compreensão e traduzida para a sociedade como um todo.

Apresentamos brevemente, a seguir, os principais estudos acadêmicos sobre o tema. Na sequência, o contexto no qual se insere o Jarê, em seguida é apresentada a figura do curador, seu processo de iniciação na religião, seus saberes e práticas na operacionalização das curas e algumas considerações parciais.

Os estudos acadêmicos sobre o Jarê

O primeiro estudo acadêmico sobre o Jarê, que se tem registro, é a dissertação de mestrado do sociólogo Ronaldo de Sallaes Senna, defendida na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1984, na qual ele descreve a religião como uma variante

do “candomblé de caboclo”, entrelaçado nas relações com a geografia humana e física da Chapada Diamantina. Em sua tese de doutorado, defendida na Universidade de São Paulo (USP) no programa de Antropologia Social, realizou uma pesquisa socioantropológica, apoiando-se na etnografia, evidenciando a formação histórica de uma ritualística exclusiva, mostrando os modos de atuação social do sagrado, seus modos de funcionamento, aspectos estruturais, organizacionais e rituais. Ampliando suas contribuições ao estudo sobre o Jarê, Senna faz revisões e ampliações à sua tese, publicando o livro intitulado: *Jarê – uma face do candomblé: Manifestação Religiosa na Chapada Diamantina* ainda no ano de 1998.

Rabelo (1990) defendeu na Universidade de Liverpool sua tese de doutoramento, na qual apresenta um Jarê existente na região agrícola da Chapada Diamantina e não na região do garimpo, realizando um estudo comparativo entre essa religião, dita “de matriz africana”, e aquelas de inspiração católica, fornecendo uma perspectiva histórica da formação da religiosidade no Nordeste Brasileiro.

Pedreira (2010) discutiu, em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade de Brasília (UNB), um estudo etnográfico do “ritual do terno das almas”, analisando os elementos que compõem o ritual e sua relação com o Jarê. E em sua tese de doutorado (2015), também na UNB, apresentou um estudo etnográfico que teve como campo o município de Andaraí, na Chapada Diamantina, envolvendo a trajetória de três mulheres e a relação delas e de outras moradoras do município com as almas, os espíritos e os caboclos, através dos rituais do terno das almas e do Jarê.

Outro estudo significativo sobre o tema é a tese de doutoramento de Banaggia (2013), defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Este autor fez um estudo etnográfico em três casas de culto junto aos homens que frequentavam



o Jarê no município de Lençóis, apresentando “os modos como os filhos-de-santo manejam um sistema de energias de modo a obter efeitos diversos, mobilizando criativamente as forças do Jarê” (BANNAGIA, 2013, p. 7).

O Jarê e a Chapada Diamantina

A Chapada Diamantina situa-se geograficamente na região central do Estado da Bahia e tem sua denominação a partir de sua formação geológica e da extração do diamante, atividade econômica que no século XIX atraiu um grande contingente populacional para a região, a qual passou a ser denominada de Lavras Diamantinas. Após um longo período de decadência, motivada pela queda do preço do diamante no mercado mundial, em decorrência da descoberta de jazidas na África do Sul em 1866, a região voltou a ter um rápido período de retomada do seu desenvolvimento em razão da repentina valorização do carbonato usado nas brocas de perfuração para construção do canal do Panamá em 1880, e metrô em alguns países europeus, para em seguida cair em novo processo de estagnação econômica.

A extração mecanizada do diamante, já escasso e difícil de ser garimpado manualmente, voltou a aquecer a economia entre os períodos de 1987 a 1997, até a proibição do uso das dragas e fechamento total dos garimpos, causador de muitos prejuízos ambientais, “especialmente nos leitos dos rios tributários da bacia do Paraguaçu” (SANTOS, 2006, p. 66).

Os estudos acadêmicos sobre o Jarê, publicados até o momento, apontam para o seu surgimento na Chapada Diamantina a partir do fluxo migratório com a descoberta de diamantes, tendo o seu desenvolvimento ocorrido em paralelo ao da região. O desenvolvimento histórico do Jarê tem como registro de origem as cidades de Lençóis e Andaraí (BANNAGIA, 2015). A sociedade lavrista começa a sua formação a partir da descoberta de diamantes na primeira metade do século XIX, inicialmente, na antiga Freguesia

de Santa Isabel do Paraguaçu, seguido dos demais municípios que compunham a região das Lavras: Lençóis, Andaraí e Palmeiras. A notícia fez atrair para região uma leva de forasteiros vindos das Minas Gerais, da região de Grão Mongol; da capital do Estado; da zona do Recôncavo Baiano e também estrangeiros: árabes, judeus, franceses e outros povos oriundos do continente africano.

No processo de formação da sociedade local, os primeiros senhores do garimpo trouxeram famílias de escravos para trabalhar na extração do diamante. Senna (1973, p. 52) refere que “as negras de algumas dessas famílias se dedicavam com muita assiduidade a crenças e rituais mágicos de origem africana”. A essas mulheres escravas ou ex-escravas, denominadas de “Nagôs” (tendo na cidade de Lençóis uma praça chamada praça das Nagôs, onde se reuniam em dia de feira), é atribuída a origem da prática do Jarê na região.

Segundo Senna (1973; 1984), “as Nagôs” cultuavam Santa Bárbara-lansã e trabalhavam o ano todo e economizavam para realizar a festa no dia da Santa, com procissão pela cidade acompanhada da filarmônica até a localidade de Baixio, onde existia uma árvore chamada “Pau de Santa Bárbara”. “As Nagôs”, segundo o autor, eram temidas pela população branca, que a elas atribuía o poder de realizar feitiços, eram também procuradas pelos garimpeiros “infusados”² para os quais eram prescritos trabalhos e banhos. Os rituais das “Nagôs” também envolviam danças, tratamentos e rezas para os males do corpo e do espírito. Segundo Senna (1973, p. 53), esses rituais eram falados em “dialeto de origem africana”.

Algumas questões importam para esta discussão, a exemplo do peso de uma África indistinta como fator para explicar a origem do jarê, e a ideia de que exista uma associação entre o continente africa-

2. Infusado – diz-se do garimpeiro que não encontra diamante há muito tempo ou nunca encontrou quantidade substancial (SENNA, 1984, p. 44)



no, escravos e o Jarê. Por certo há que se analisar os discursos e a documentação disponível como forma de compreender o processo em que o Jarê está inserido. Todas as religiões de terreiro, sejam elas de maior influência ameríndia ou de composição mais explícita (as umbandas, por exemplo) sofreram um processo discursivo de associação com a África indistinta. Esta última, nesse aspecto, tem seus sinônimos no que se aponta como negro e escravo. Logo, uma religião em que se opera com os aspectos da magia e os símbolos da composição com práticas distintas de um cristianismo formal é imediatamente jogada para o lugar do “africano” e do “negro-escravo”.

De acordo com o referido pesquisador, até o início do século XX, o Jarê em Lençóis acontecia como descrito anteriormente, até a chegada de um “Curador de Raiz” à cidade, chamado Alfredo Araças, trazendo uma nova “hierarquia de Santos”: “os caboclos”, passando a manifestá-los nos terreiros das “Nagôs”. No processo migratório, Senna (1984) afirma que os negros escravizados trazidos pelos seus senhores para trabalhar no garimpo, trouxeram consigo suas práticas religiosas e crenças já “sincretizadas”³.

O Jarê e algumas das suas visões de mundo

Cresci em meio às crenças de meu pai, de minha avó e mais recentemente de minha mãe. Os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 59)

Antes de apresentar alguns aspectos que permitam uma aproximação à figura do curador, faz-se necessário discorrer brevemente sobre a visão de mundo que

3. Sincretizadas – termo utilizado pelo autor para referir-se a práticas religiosas misturadas, compostas e influenciadas por outras religiões. Não adotaremos no presente trabalho o termo sincrético para referir-se ao Jarê, por considerarmos a não existência de uma religião pura, considerando todas as práticas fruto de influências, ressignificações, construções a partir do contato e interação de diferentes pessoas e culturas.

circunda o Jarê, a fim de melhor compreender as práticas, as ritualísticas que giram em torno do líder espiritual, denominado de curador.

De acordo com Senna (1984), existe no Jarê uma ideia muito forte, enraizada e compartilhada por todos os seus adeptos, de que estão cumprindo na vida uma missão da qual não poderiam, pela própria vontade, se livrar e que, caso decidam não cumprir o que lhes foi determinado pelo “sagrado”, terão que arcar com as penalidades advindas para si e seus familiares. Nesse sentido, a todo trabalho desenvolvido ou a ser desenvolvido é atribuído um sentido de pagamento de penitência, em uma perspectiva determinística, sem possibilidades de modificações.

Segundo o autor, essa visão é dogmática e viabiliza a organização social, não tendo sido encontradas em suas pesquisas, exceções a essa regra geral. Afirma ainda que todos os curadores entrevistados, não tendo sido explicitado o quantitativo, referiram um descontentamento em relação à missão recebida, alguns chegando a declarar uma certa revolta por terem sido escolhidos pela “força do invisível” (SENN, 1984, p. 243).

O sentido de sacrifício, de entrega de si no cumprimento de uma missão para o bem coletivo, gera em torno da figura do curador uma aura de bondade e martírio, uma percepção pela comunidade de um ser elevado, disposto ao sacrifício por uma causa maior e, por conseguinte, merecedor de todo respeito e obediência pelo grupo.

Entendemos que essa ótica da vida espiritual exerce uma autoridade muito grande na população ligada ao jarê, visto que essa crença solidifica no grupo o sentido do respeito e da obediência, tornando mais inquestionável o discurso do comunicante, no caso o curador. (SENN, 1984, p. 245)

Percebe-se, nesse sentido, que a missão atribuída ao curador pelas divindades e entidades lhe confere um status entre os adeptos ao Jarê de guardião de saberes e poderes não acessíveis às pessoas co-



muns, lhe conferindo um lugar diferenciado de respeito e submissão entre seus pares.

Destaque-se para essa questão do martírio e missão uma regra quase obrigatória para as religiões de terreiro em geral. Em diálogos com Ivaldo Lima, a respeito das suas pesquisas de campo entre os juremeiros pernambucanos, obtive a informação deste de que há tal discurso entre os nativos que cultuam a jurema sagrada, notadamente na zona norte do Recife. Tal aspecto também pode ser referido entre os praticantes do batuque gaúcho, conforme Norton Correia, assim como entre os praticantes do terecô maranhense. Em suma, o discurso de que um sacerdócio é exercido contra a vontade do indivíduo aumenta seu capital simbólico de alguém que está expiando seus pecados e ao mesmo tempo praticando o bem sob o manto de uma missão árdua, penosa e pesada. Aqui tem-se também o modo como se compreende o sentido do trabalho espiritual das entidades nas umbandas. Esses espíritos, quando “vem em terra”, fazem-no com a intenção de expiar seus pecados e diminuir seu karma. Essa questão mostra as influências das religiões orientais no kardecismo, e desta na umbanda.

O curador de Jarê

O curador Zeca Chapéu Grande tudo podia. Se transformava em muitos encantados nas noites de Jarê. Mudava a voz, cantava, rodopiava ágil pela sala, investido dos poderes dos espíritos das matas, das águas, das serras e do ar. Meu pai curava loucos e bêbados... (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 126)

A missão do curador é guiar os espíritos em benefício dos que necessitam de seus poderes, manejar ervas e raízes, fazer garrafadas, xaropes e remédios para diferentes males. Acredita-se que o (a) curador (a) recebe uma missão divina, uma obrigação de cuidar dos encantados⁴ que o (a) acompanha e que devem servir em sua casa para curar os males do corpo

4. Encantados – espíritos de orixás e caboclos que atuam nos rituais e se corporificam nos adeptos presentes.

e do espírito daqueles necessitados, que receberiam dons divinos como uma dádiva a ser devolvida em favorecimento dos que sofrem. O curador de Jarê empresta seu corpo para que os encantados dançam e curem quem precisa. Caso o curador se recuse a cumprir sua missão é condenado a má sorte pelo resto da vida.

Diferentemente de outras religiões, os discursos evidenciam o processo de iniciação do líder espiritual do Jarê como sendo a partir de uma escolha do “sagrado”, quando passam a ser evidenciados pelo futuro curador sinais de ter sido escolhido pelas “forças sobrenaturais”, passando este a manifestar comportamentos de desorientação, perda da noção de tempo, espaço e direção, sensação de fraqueza e desânimo, perda total do apetite, da memória, do equilíbrio físico e mental, tonturas, desmaios, passam a ter visões estranhas ouvir sons confusos, sensação de “formigamentos e comichões por todo o corpo” (SENNA, 1984, p. 247).

Todos os curadores entrevistados afirmaram que na época dos sintomas perdiam, totalmente, as noções mais simples de tempo e espaço como, por exemplo, o caminho da roça ou do garimpo e a direção da casa, o que teriam ido fazer nos seus locais de trabalho ou em outros quaisquer, as tarefas domésticas e as obrigações conjugais, os horários das refeições e os dias da semana. (SENNA, 1984, p. 247)

De acordo com Senna (1984, p. 248), embora a vivência de um estado alterado de consciência, de transtornos mentais manifestos seja relatado como uma condição necessária de reconhecimento da escolha do curador pelo “sagrado”, nem toda manifestação de loucura é considerada como uma escolha de um novo curador pelas “forças do invisível”, precisando ser entendido se se trata de um caso de “encosto passageiro” ou se é um “caso de médico”. Na primeira hipótese, o acometido será tratado por um curador e serão prescritos remédios (garrafadas, infusões, chás) e obrigações, trabalhos a serem realizados. Na segunda hipótese, o curador



percebe que se trata de “mal do corpo, dos nervos, da mente e não do espírito” e só pode ser tratado por médico, salvo algum problema do corpo de menor gravidade, que possa ser tratado com chás, ervas e raízes.

Em suma, os sinais não determinam, fatalmente, um novo elemento ativo da “seita” e do culto, mas, para o indivíduo se tornar curador tem que passar por essa fase desagradável e insegura como uma espécie de atestado de escolha. (SENNA, 1984, p. 249)

Ou seja, as pesquisas apontam e os discursos corroboram com a noção de que no Jarê todo aquele que recebe uma missão, no caso de vir a ser curador, tem que passar pelo estágio de loucura.

A loucura no Jarê exerceria os papéis de “catalizadora, aglutinadora, organizadora e mantenedora de uma verdade encoberta. Só e unicamente através dela a verdade da escolha divina poderia se revelar”. (SENNA, 1984, p. 251)

O fenômeno da loucura presente na cosmogonia do Jarê e vivenciado pelos(as) curadores(as) como sina, missão, condição inevitável para se tornar um líder espiritual da religião, ocupa um lugar de verdade encoberta e de segredo que não pode ser revelado, o que nos remete a Foucault (1998) ao se referir à loucura como um saber que fascina, onde os elementos, as figuras estranhas, presentes no delírio, estão situadas no espaço do grande segredo. “Este saber, tão inacessível e temível, o Louco o detém em sua parvoíce inocente [...] essa bola de cristal, que para todos está vazia, a seus olhos está cheia de um saber invisível” (FOUCAULT, 1978, p. 26).

O que anuncia esse saber dos loucos? Sem dúvida, uma vez que é o saber proibido, prediz ao mesmo tempo o reino de Satã e o fim do mundo; a última felicidade e o castigo supremo, o todo-poder sobre a terra e a queda infernal. (FOUCAULT, 1978, p. 26)

Nesse sentido, toma-se a loucura como um elo de ligação com o divino e o sobrenatural, como se por meio dela a verdade sobre todas as coisas fosse revelada.

Procedimentos metodológicos

Fruto de um projeto de pesquisa fundamentada, do ponto de vista metodológico, na pesquisa qualitativa etnográfica, a partir da qual buscar-se-á, por meio da observação e da escuta, analisar e descrever as práticas, rituais, relações e as dinâmicas interativas e comunicativas do Jarê, o presente artigo deriva de observações iniciais de algumas práticas festivas e religiosas, entrevistas, revisão bibliográfica e análises documentais.

O caminho percorrido através da pesquisa etnográfica nos traz possibilidades de, munidos de um olhar atento e uma escuta sensível, identificar conhecimentos construídos, compreender a teia de relações e significações imbricadas nas manifestações culturais, nas visões de mundo e nas crenças do Jarê, bem como identificar as circunstâncias e contextos histórico-sociais que impactam na manutenção e continuidade das tradições.

A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta. (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 2)

Sendo uma metodologia qualitativa que visa a compreensão dos modos de viver, das práticas, das cosmovisões e experiências das pessoas e grupos, a etnografia pode contribuir significativamente para as pesquisas sobre a religiosidade e espiritualidade, aprofundando e descrevendo cenários, revelando e ampliando a compreensão de contextos e de novas formas de apreensão dos fenômenos, favorecendo a quebra de estereótipos e preconceitos.

O estudo bibliográfico e documental realizado buscou identificar pesquisas, documentos históricos, textos jornalísticos e acervos imagéticos sobre o curador de Jarê, considerando que esse estudo “[...] oferece meios para definir, resolver não



somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente [...]” (LAKATOS, 1991, p. 32). Buscou-se também confrontar o acervo documental com as memórias locais por meio das narrativas, buscando identificar as representações circunscritas ao Jarê e, mais especificamente à figura do curador.

Resultados e discussão

No Jarê, podem ser observadas práticas, costumes, modos de fazer, ritos e cânticos que se encontram também em outras religiões, o que lhe confere característica complexa, pautada num complexo compositum ressignificado, repleto de empréstimos tácitos variados. Todos, ao que nos parece, devidamente circunstancializados e contextualizados. Não nos pautamos pela crença (ou convicção, como queiram) de que as práticas são dotadas de pureza ou seu oposto. Nessa compreensão, não faz sentido aludir a termos como sincretismo, apoiando-se no mesmo como categoria conceitual para compreender o fenômeno das composições (se aqui afirmarmos que toda e qualquer prática e costume é resultante de “misturas”).

As representações do Jarê em boa parte da literatura acadêmica até o presente momento traduzem-no como uma religião de origem africana, associam-no a uma concepção de África como matriz, mãe, una, berço das religiões, as quais têm como uma das suas características, o transe de possessão. A partir de Barros (2016), entendemos que os conceitos não podem ser tomados como construtos dados, prontos, acabados, são antes, fruto de criações humanas que passam por processos de elaborações e reelaborações teóricas, passíveis de serem colocados continuamente em discussão. Os conceitos, como afirmam Deleuze e Guatari (1992) “não nos esperam inteiramente feitos” [...] “devem ser inventados, fabricados, criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que o criam” (DELEUZE; GUATARI, 1992, p. 11).

De acordo com Barros, os conceitos no âmbito da ciência são criados de modo a organizar, tornar mais compreensível, apreensível, assimilável e, às vezes mais previsível, um dado fenômeno, tendo surgido para organizar realidades, as quais de outro modo, se apresentariam demasiadamente caóticas para os seres humanos. Diferentemente de nomear, o ato de conceituar implica

compreender com mais precisão as características de cada fenômeno ou objeto – de forma muito bem delineada – e, ato contínuo, de agrupar os casos específicos em categorias maiores, as quais deveriam ser elaboradas tendo em vista todas as suas implicações e possibilidades de relações e contrastes umas com as outras. (BARROS, 2016, p. 14)

No âmbito da ciência, o uso dos conceitos, ainda segundo Barros, objetiva a apreensão da realidade, mesmo que essa tarefa não possa ser realizada total ou parcialmente e se configuram como pontos de apoio sistemáticos para um tipo de conhecimento a ser produzido. Desse modo, é preciso compreender o Jarê e seus sentidos historicamente construídos, como uma representação, na acepção de Schopenhauer (2001), considerando o mundo como representação, que o mundo consiste no representar, estando este sob a dependência do sujeito, ou seja, o que existe é o que é percebido, como uma aproximação ao objeto, à coisa em si, mas não sendo a coisa em si. O conhecimento nesta perspectiva, não se dá “das coisas em si”, conhecemos as coisas “a partir de si”, o conhecimento se dá a partir do que a coisa é para si, a partir dos valores, das ideias, do sujeito.

De acordo com Lima (2019), supor uma matriz africana é o mesmo que acreditar em uma essência africana, em uma África-mãe, una. Constitui-se algo da ordem do imponderável considerar uma religião de matriz africana, porque não existe algo comum no plano da cultura entre os diferentes povos do continente africano. Ainda segundo este autor, o conceito de “matriz africana” faz um apelo homogenei-



zante que recai para a ideia de raça. Os estudos africanos contemporâneos, como aborda Pereira (2011) e Lima (2018) referem à invenção de uma África a partir de si, de representações constituídas no imaginário brasileiro, a partir de referências europeias, das correntes historiográficas fortemente marcadas pelo discurso colonial europeu, o qual apresenta o africano, negro e escravo como sinônimos.

Nesse sentido, para uma tentativa de compreensão do Jarê, enquanto um fenômeno que tem sua ocorrência em espaços geográficos específicos, é preciso observá-lo e tentar traduzi-lo a partir das suas dinâmicas, suas reelaborações, e ressignificações pelos seus praticantes, a partir dos sentidos atribuídos por aqueles e aquelas que o vivenciam nos seus cotidianos, e não como algo dado, pronto, ou como um elemento da cultura de um outro continente transplantado para o Brasil.

Os muitos conceitos que remetem à diferentes compreensões, a exemplo do transculturalismo (ORTIZ, 1991), hibridismos (CANCLINI, 2013) ou criouliização (MINTZ; PRICE, 2006) são insuficientes para pensar a prática cultural no seu fazer, mesmo que esta constitua um código elaborado e que sirva de caminho para a transcendência dos planos vividos pelos seres humanos. Preferimos trilhar o caminho de observar, analisar e entender a prática numa relação entre presente e passado, a partir dos sentidos dispostos no fazer, e para isso, origem e discursos nada mais são do que meras variáveis a serem levadas em conta, mas nunca determinantes de uma dada estrutura (LIMA, 2012).

O Jarê deve ser entendido como criação original, autêntica, fruto de diferentes ressignificações que ao seu contexto acorreram; compreende-se aqui a religião, para além de seus códigos, visões, pontos de vista e perspectivas, como legítima, dotada de sentidos e que serve para referenciar comunidades diversas. Aqui insistimos na rejeição de uma origem essencial para essa religião, oriunda de outro espaço e

tempo. Toda e qualquer prática, conforme Foucault (1984), não possui uma origem possível de ser apreendida no tempo e no espaço, e se constitui no dia a dia, no cotidiano, e este é o principal responsável por sua invenção.

Considerações finais

Cada vez mais, os campos de produção de conhecimento têm buscado uma interação dialógica entre as comunidades acadêmicas e as locais, seja em uma perspectiva de conhecimento, de aproximação dos saberes construídos historicamente pelas comunidades tradicionais, seja reconhecendo o valor e as contribuições desses conhecimentos produzidos e a sua necessidade de registro e difusão. O compartilhamento do conhecimento na sociedade contemporânea, a compreensão dos seus processos de construção em torno de práticas tradicionais, a visibilidade dessas práticas e saberes ainda pouco acessíveis, seguramente contribuem para o processo de construção das identidades.

Os cultos, as danças, as cantigas, as práticas de cura, as obrigações religiosas, as diferentes manifestações e expressões dessa cultura revelam um saber tradicional guardado pelos membros das comunidades do Jarê, os quais vêm sendo transmitidos pela oralidade de geração em geração, garantindo, até certo ponto, a preservação desse patrimônio imaterial, como diz Guimarães Rosa, em Grande Sertão Veredas: O que lembro, tenho. E é na lembrança que o Jarê se renova e reatualiza o pertencimento a diferentes comunidades de sentido. Enquanto religião, o Jarê se justifica por dispor de praticantes que nela veem uma forma de se livrar das agruras do dia a dia e reconhecem na figura do curador o seu líder espiritual. E por estar no cotidiano, o Jarê se torna identidade, e vira memória... E assim, conforme Abreu e Chagas (2009), adquire status de patrimônio, pois o Jarê é reconhecido e permite o reconhecimento de homens e mulheres entre si, nas tramas do fazer e refazer religioso.



Referências

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza. *Memória e Patrimônio*. Ensaios Contemporâneos. v. 1. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

BANAGGIA, Gabriel. *As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2013.

BANAGGIA, Gabriel. *Cura e força no jarê: religião de matriz africana da Chapada Diamantina (BA)*. In 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2010, Belém, PA. p.1-18. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br>.

BARROS, José D'Assunção. *Os Conceitos: seus usos nas ciências humanas*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 1992.

do jarê – variante regional do sincretismo candomblé de caboclo-umbanda. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1973.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

GONÇALVES, Maria Salete Petroni de Castro. *Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA*. São Paulo: Escola de Folclore, 1984.

LAKATOS, Eva Mª. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 3 ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Ensino de História, África e Brasil: entre conceitos e estereótipos. Revista TEL, Irati, v. 10, n 1, p. 41-69, jan/jun. 2019.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Representações da África no Brasil: novas interpretações*. Recife: Ed. Bagaço, 2018.

MINTZ, Sidney W. E PRICE, Richard. *O Nascimento da Cultura Afro-americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas/Universidade Cândido Mendes, 2006.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Formação territorial: ocupação econômica e divisão dos poderes nas serranias centrais da Bahia*. In: Relatório INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) – Chapada Diamantina, 2015.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana: ed. Ciencias Sociales, 1991.

PEDREIRA, Carolina Souza. *Irmãs das Almas: Rituais de Lamentação na Chapada Diamantina*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

PEDREIRA, Carolina Souza. *Tecidos do mundo: almas, espíritos e caboclos em Andaraí, Bahia*. Tese Doutorado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

PEREIRA, Josenildo de Jesus. Africano, escravo e negro: armas e armadilhas da identidade racial. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César. O Jarê – Religião e Terapia no Candomblé de Caboclo. In: V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-BA, p. 1-16. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19441.pdf>.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre. Editora da Universidade, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.



SENNA, Ronaldo de Salles. *Garimpo e religião na Chapada Diamantina: um estudo do jarê – variante regional do sincretismo candomblé de caboclo-umbanda*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1973.

SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê – uma face do candomblé*. Manifestação Religiosa na Chapada Diamantina. Feira de Santana: UEFS, 1998.

SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê: manifestação religiosa na Chapada Diamantina*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto Arado*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Todavia, 2019.

-----//-----

Abstract: This article derives from initial research for the multidisciplinary and multi-institutional doctoral program in the dissemination of knowledge about Jarê, a religion that occurs exclusively in some municipalities of Chapada Diamantina, central region of the State of Bahia/Brazil. There are few studies on the subject, which are marked by an understanding of Jarê linked to concepts that say nothing about the religious practice, namely, “African matrix” or “Afro-indigenous”. This study aims to present some aspects of that religious manifestation, more specifically the figure of the healer, the spiritual leader of religion, to whom its adherents turn to deal with the ills of the body and the spirit, through their knowledge and practices. So, in this paper, we present some initial reflections, partial observations of some religious ceremonies, bibliographic review and document analysis, through which Jarê is presented as a genuinely Brazilian religion. Although it brings aspects present in cultures of other peoples and religions, the Jarê, as well as all practices and customs, was built and re-signified by the subjects, based on their interactions, affective and symbolic bonds, their daily actions and knowledge, intertwined with the history and memory of the place. Thus, the purpose of this paper is to contribute to making Jarê a practice that can be understood and translated to society as a whole.

Keywords: Jarê; Curator; knowledge; Traditional practices; Chapada Diamantina.

Recebido em: 16 de novembro de 2021.

Aceito em: 29 de novembro de 2021.